

SINTAXE E PADRÕES DE VARIAÇÃO: PRÓCLISE E ORDEM SV NO PORTUGUÊS DO BRASIL

MARCO ANTONIO MARTINS

(PG – Universidade Federal de Santa Catarina/Universidade Nova de Lisboa)

ABSTRACT: This paper analyses the syntax of the position (pre- or post-verbal) of the clitic pronouns, related to the SV/VS(O) orders, in finite, independent clauses in Brazilian Portuguese (BP), in theater plays written by Brazilian authors born in Santa Catarina, during the 19th and 20th centuries. The analysis articulates pre-suppositions of the Theory of Variation and Change with the Generative Theory and, within a diachronic perspective, defends that the evolution in the frequency of use of clauses with enclisis/proclisis and with the subject anteposition/postposition, verified in texts written by Brazilians along the centuries reflects a period of change in which there is a competition between standards generated by different grammars, in Kroch's (1989, 2001) sense.

KEYWORDS: Syntax; Change; Proclisis; SV(O) Order.

1. Introdução

As línguas, quando desconsiderados os efeitos de contatos lingüísticos e outras propriedades de cunho social, tendem a manifestar mudança ou estabilidade?

Anthony Kroch (2001)

Descrevo e analiso, neste artigo¹, resultados diacrônicos de estudos de dois fenômenos sintáticos aparentemente correlacionados ao processo de mudança que deu origem à gramática do Português do Brasil (PB) no curso do século XIX: a colocação (pré ou pós-verbal) dos pronomes clíticos e a ordem do sujeito em relação ao verbo, em orações finitas não-dependentes. A análise tem como base empírica amostras extraídas de seis peças de teatro

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no 2º Fórum de Partilha Lingüística, realizado em 12 e 13 de julho de 2007 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – FCSH-UNL. Agradeço à Professora Doutora Maria Lobo (Centro de Lingüística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL) por ter contribuído significativamente com as idéias aqui discutidas, e, sobretudo, por seu acolhimento no CLUNL durante minha estadia em Lisboa. Agradeço igualmente a CAPES pelo financiamento (processo BEX 4773/06-3) que possibilitou meu estágio de doutoramento realizado no CLUNL entre maio de 2007 a abril de 2008.

escritas por brasileiros nascidos (no litoral do estado de Santa Catarina) entre os séculos XIX e XX².

Estudos vários em lingüística variacionista ou gerativista têm evidenciado que o fenômeno de colocação dos pronomes clíticos está correlacionado à posição (estrutural) dos sujeitos em Português, sobretudo em busca de hipóteses teóricas acerca de propriedades que identifiquem diferentes gramáticas dessa língua ao longo dos séculos (cf. Martins, 1994; Galves, 2001; Paixão de Sousa, 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa, 2005, entre outros). Com base nesses estudos, as questões específicas que motivam a análise neste artigo são: (1) *qual a distribuição da frequência de ênclises/próclises e de Sujeito/Verbo (SV)/Verbo/Sujeito (VS) em textos escritos por brasileiros nascidos nos séculos XIX e XX?* (2) *a. quais as propriedades sintáticas no licenciamento de orações com próclise/ênclise, por um lado, e, de orações com VS/SV(O) por outro? b. orações com ênclise e orações com próclise em textos escritos no curso dos séculos são geradas por uma mesma gramática?* (3) *há correlação entre o processo de variação/mudança envolvendo os fenômenos sintáticos de colocação dos clíticos e de ordem do sujeito?* Numa perspectiva diacrônica, o objetivo central do artigo é discutir o encaixamento lingüístico desses fenômenos na(s) gramática(s) do Português.

A análise com base em dados empíricos pretende verificar se orações com ênclise/próclise e orações com sujeito anteposto/posposto em textos escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX refletem estruturas geradas por uma ou mais gramáticas do Português no curso dos séculos. Nossa hipótese inicial é que os padrões atestados nos textos transparecem a co-ocorrência de diferentes gramáticas (ou sistemas, nos termos de Kroch, 1989, 2001).

É importante salientar que os fenômenos sintáticos aqui correlacionados refletem propriedades gerais da emergência da gramática da variedade brasileira do Português que tem como marco, de acordo com Tarallo (1993), a virada do século XIX. O nosso objetivo, em específico, é focar a variedade catarinense, sem, entretanto, desconsiderar o contexto geral no qual ela está inserida. E, embora saibamos que num processo de mudança várias são as forças atuantes, consideramos na análise apenas aspectos estruturais na evolução da(s) gramática(s) em questão.

O texto está assim organizado: apresento, na segunda seção, resultados diacrônicos de estudos sobre as alternâncias ênclise/próclise e SV/VS em amostras extraídas de um mesmo *corpus*: textos teatrais escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX; na terceira seção, apresento resulta-

² As amostras analisadas para a observação dos diferentes fenômenos sintáticos foram extraídas de um mesmo corpus diacrônico. Esse corpus é oriundo de um projeto em curso coordenado pela Professora Doutora Izete Lehmkuhl Coelho vinculado ao Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O projeto conta com a minha colaboração e das doutorandas Isabel Monguilhott e Sueli Costa, assim como de demais bolsistas, vinculados ao Projeto VARSUL.

dos da evolução na frequência de uso de próclise e de SV, atestada nos textos ao longo dos séculos; na quarta e última seção, sumário os resultados da discussão proposta.

2. Resultados diacrônicos

Anthony Kroch (1989, 1994, 2001) e seus colaboradores oferecem um modelo de variação e mudança lingüística ancorado no pressuposto de que a competência lingüística dos falantes pode operar com mais de uma gramática, num tipo de “diglossia internalizada”. Nessa proposta, a mudança gramatical pode ser pensada como resultado de um período em que há competição entre diferentes gramáticas, ou de opções gramaticalmente incompatíveis: uma conservadora e uma inovadora.

Sempre que a frequência superficial de uso de uma determinada forma/estrutura lingüística estiver mudando, os falantes são hábeis (i.e., competentes) para associar corretamente tais mudanças às origens (causas) gramaticais do sistema³. A proporção da mudança, deste modo, segue uma escala logística (frequência de uso) que motiva um efeito de cadeia – pensado aqui como o problema do *encaixamento* lingüístico, como proposto já em Weinreich, Labov & Herzog (1968). Adiante, uma das formas torna-se obsoleta por preferências estilísticas ou flutuações estatísticas ou as duas formas tornam-se estáveis no sistema devido a diferenças de sentido e/ou de propriedades gramaticais.

Conforme as asserções de Kroch, o conjunto de contextos que mudam ao mesmo tempo na estrutura de um sistema lingüístico não é definido pelo agrupamento de uma propriedade superficial, como o aparecimento de uma palavra ou de um morfema particular, mas pela estrutura sintática, cuja existência pode somente ser o produto de uma análise gramatical abstrata independente dos falantes. Nessa perspectiva, a reflexão sobre o processo de mudança lingüística é um convite à “garimpagem” de tais fenômenos “superficiais” em busca da origem, ou da fonte, de tal “desvio” no curso do sistema. Deste modo, a análise gramatical que define o contexto de uma mudança lingüística é bastante abstrata.

Assumindo a proposta de Kroch, e a asserção de que a variação pode ser o objeto de estudo da teoria gerativa quando relacionada à mudança gramatical, assumimos neste artigo que uma gramática não deverá gerar estruturas em variação, mas sim que a variação, nesse sentido, seria o reflexo de diferentes estruturas geradas, por sua vez, por diferentes gramáticas. Defendemos na seção 3 que a variação nos padrões de colocação (pós ou pré-verbal) dos pronomes clíticos e de ordem do sujeito em relação ao verbo em textos escritos entre os séculos XIX e XX pode ser pensada como o reflexo da competição entre diferentes gramáticas no curso dos séculos.

³ Segundo Kroch, a frequência de uso a que uma criança está exposta quando em processo de aquisição de língua é fundamental para que ela marque os traços paramétricos dessa língua.

2.1. Próclise versus Ênclise

Apresentamos, nesta seção, resultados de um estudo diacrônico-variacionista (cf. Labov 1982, 1994) acerca dos padrões de colocação dos pronomes clíticos no Português do Brasil em 307 orações afirmativas não-dependentes extraídas de seis peças de teatro escritas por autores catarinenses nascidos entre os séculos XIX e XX⁴. Para os fins propostos neste artigo, consideramos na análise a distribuição da ênclise e da próclise nos seguintes contextos: (i) verbo inicial (V1), cf. em (1) e (2), a seguir; e (ii) verbo precedido por um constituinte (XV), realizado como sujeito lexical não focalizado⁵ ou determinados advérbios, cf., respectivamente, em (3) e (4) e em (5) e (6), a seguir. Nosso recorte visa a contemplar contextos de variação atestados no advento da gramática do PB (contextos com Verbo Inicial, especificamente) e na história do Português (contextos XV, cf. Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2005⁶).

⁴ Fazem parte da amostra orações com clíticos extraídas dos seguintes textos: *Brinquedos de Cupido* (1859) de Antero Reis Dutra (1855-1911); *Raimundo* (1868) de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865); *Um cacho de mortes* (1881) de Horácio Nunes (1855-1919); *Os Lobos* (1980) de Ademir Rosa (1949-1997); *As quatro estações* (1992) e *Flores de Inverno* (1992) de Antonio Cunha (1961-). Com exceção do quarto texto, os demais fazem parte da amostra a partir da qual se realizou o estudo das ordens SV(O) e VS(O), a ser apresentado na seção 1.2, subseqüentemente.

⁵ Oações com sujeitos pré-verbais de expressões cristalizadas, tais como Deus te ajude sempre, meu filho! [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829], Deus me livre! [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829], Deus nos acuda!... [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829], Deus te abençoe! [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829], não foram contabilizadas na análise. Como já atestado em estudos anteriores, cf., por exemplo, Paixão de Sousa (2004), este é um ambiente de próclise categórica.

⁶ Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) – GBPS, doravante – apresentam uma análise dos padrões de colocação dos pronomes clíticos na história do Português, mais especificamente no período correspondente entre os séculos XVI e XIX. Com base no banco de dados *Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese*, as autoras apresentam uma análise de 5.369 orações afirmativas não-dependentes extraídas de textos escritos por autores nascidos entre os anos de 1542 e 1836. GBPS buscam evidências empíricas, considerando a alternância na ordem linear dos clíticos, de que os autores nascidos em meados do século XVIII são representativos da primeira geração de falantes da gramática do Português Europeu. Um dos contextos descritos pelas autoras, denominado Contexto de Variação I, é aquele em que complexo V-cl é precedido por sujeitos não focalizados (ou seja, sujeitos não morfo-fonologicamente marcados, como em só + sujeito ou o mesmo + sujeito, GBPS, p. 42), cf. (i), a seguir; por advérbios não fronteadores de VP, cf. (ii); ou por Sintagmas Preposicionais (não argumentos), cf. (iii).

(i) a. Eu **corro-me** de dizer o que padeço (Melo, 1608)

b. Ele **me disse** que pasmava como lhe abastava o que tinha (Sousa, 1554)

(GBPS, 2005: 42-43)

(ii) a. Depois **sucedeo-lhe** o Mirão, seu sobrinho,... (Couto, 1542)

b. Hoje **me parto**. (A. Chagas, 1631)

(GBPS, 2005: 42-43)

(iii) a. A esse respeito Prado **diz-me** Queiroz: Não sei se Você já o viu depois de casado". (Ortigão, 1836)

b. Com este aviso **lhe foi** juntamente infundida notícia dos excessos que entre duas súbditas suas passava. (Bernardes, 1644)

(GBPS, 2005: 42-43)

- (1) Acho-me velho, e com mais alguns anos não me poderei arrastar: boa perspectiva! [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]⁷
- (2) Me acho perfeiramente em idade de me suicidar... [Ademir Rosa, 1949]
- (3) O negro disse-me que o tratante chegou há pouco do Rio. [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (4) Uma pedra se alojou dentro de mim. [Antonio Cunha, 1961]
- (5) Amanhã agarro-me às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (6) Depois lhe cantar uma ária de Rossini: [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]

Observamos no *corpus* também os contextos XV em que X se realiza como um sintagma preposicional (PPV). Não incluímos essas orações na análise estatística, no entanto, por ser este um contexto de ênclise categórica na amostra, cf. dados em (7)-(11), a seguir.

- (7) Em resumo, salvaste-me. [Antero Reis Dutra, 1855]
- (8) Mas um dia, dei-lhe um apertão e a cachorra arrumou-me com o tamanco que me ia partindo em pondo cerce à proa. [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (9) Neste mundo engole-se tudo e a senhora não é mais pintada do que as outras pessoas que têm engolido também! [Horácio Nunes, 1855]
- (10) Ao menos dou-te uma boa morte, porque dizem que os enforcados morrem com sensações deliciosas! [Horácio Nunes, 1855]
- (11) Por fim, coube-me fazer a conta: somaram-se os beijos falsos, multiplicaram-se as noites vazias, dividiu-se a nossa cama, subtraíram-se as alegrias. [Antonio Cunha, 1961]

Os resultados da análise variacionista acerca da ordem relativa clítico/verbo/clítico na amostra analisada, com o auxílio do pacote estatístico VARBRUL (cf. Pintzuk, 1988), estão apresentados na discussão que segue. A análise contempla a correlação entre os padrões de ênclises e próclises e as seguintes variáveis independentes: *século*; *material antes de V (VI; XV)*; *ordem/preenchimento do sujeito*; *natureza de S no contexto SV*; *tipo de clítico* e *ano de nascimento dos autores*.

Por ordem de significância estatística, os contextos selecionados pelo VARBRUL correlacionados aos contextos de próclise nos textos no curso dos séculos foram *século/ano de nascimento dos autores*, *material antes de V (VI; XV)* e *natureza de S no contexto SV*. Como o interesse desse artigo é, sobretudo, diacrônico, apresentamos os resultados dos contextos relacionados à ocorrência da próclise nos textos escritos dos séculos XIX e XX, quando pertinente, cruzados à variável *século*.

⁷ Os exemplos doravante citados no artigo são extraídos dos textos que constituem o *corpus*. Quando citados, os dados que compõem a amostra virão seguidos pelos sobrenomes, e respectivas datas de nascimento, dos autores das peças.

A tabela 1, a seguir, apresenta um cruzamento entre as variáveis *século* e *material antes de V* (Verbo em primeira posição absoluta, #V; contexto XV, sendo X um sujeito lexical, SV, ou um advérbio, AdvV), a segunda variável selecionada pelo programa.

Cruzamento entre <i>material antes de V</i> (XV) e <i>século</i>	Século XIX	Século XX
SV	20/63 – 32%	29/29 – 100%
AdvV	17/24 – 71%	8/9 – 89%
#V	0/138 – 0%	25/44 – 57%
Total	37/225 – 16%	62/82 – 67%

Tabela 1: Percentuais de próclise – cruzamento entre as variáveis *século* e *material antes de V* (XV)

Dentre os resultados apresentados na tabela 1, chamamos a atenção para dois aspectos em particular no que se refere aos padrões de próclise atestados nos textos escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX em Santa Catarina.

Em primeiro lugar, observamos que em contextos SV a próclise é variável – com uma frequência baixa – em textos do século XIX (32%) e categórica em textos do século XX (100%). O padrão de colocação dos pronomes clíticos em textos do século XX, no contexto SV em específico, por um lado, se opõe ao padrão de colocação dos clíticos na gramática do Português Europeu (em que a ênclise é categórica, cf., entre – muitos – outros, Cyrino, 1993; Martins, 1994; Barbosa, 2000; Galves, 2001, e, por outro lado, se aproxima do padrão atestado na gramática do Português Clássico (em que a próclise é o padrão mais frequente, cf. Martins, 1994, GBPS, 2005, entre outros).

Ainda, em relação à alternância ênclise/próclise em orações com sujeitos pré-verbais, Paixão de Sousa (2004) e GBPS (2005) argumentam que SV com próclise é o padrão de colocação dos clíticos em textos escritos nos séculos XVI e XVII e que o contexto SV com ênclise em textos escritos antes do século XVIII (século em que, para as autoras, se dá o advento de um novo padrão e da gramática do PE) é uma construção estilisticamente marcada.

Podemos até assumir com Torres Morais (1993), Paixão de Sousa (2004) e GBPS (2005) que a mudança atestada na gramática do PB não seria fruto de uma mudança ocorrida na variante brasileira em relação à gramática do PE, mas sim que ambas as gramáticas teriam origem numa mesma base comum, o PCI. No entanto, considerando os padrões de próclise atestados em nossa amostra, variável (32%) em textos escritos no século XIX e categórico (100%) em textos do século XX, somos levados a pensar que os 68% de ênclise nesse contexto (espelhados nos 32% de próclise nos dados da tabela 1) atestados em textos do século XIX parecem refletir, necessariamente, a influência do padrão da gramática do PE na escrita brasileira, tendo em vista que SV com ênclise não é o padrão nas gramáticas do PCI e do PB.

Para Torres Moraes (1993), a perda da inversão sujeito-verbo que deu origem à gramática do PB estaria relacionada à reanálise nos padrões de colocação dos clíticos na gramática do Português. O PB teria perdido a projeção da categoria funcional AGR1 (que acomodaria o verbo quando movido), de modo que a única opção licenciada para a acomodação dos clíticos nessa gramática seria a próclise. Essa mudança na gramática do português teria seu início, também, se considerarmos a proposta de Tarallo (1993, em especial), no século XIX.

Uma análise particularizada da *natureza de S no contexto SV* nos dados da nossa amostra, todavia, cf. dados da tabela 2, a seguir, revela que a frequência de próclise com sujeitos pronominais é já bastante elevada em textos do século XIX.

Cruzamento entre natureza de S no contexto SV e século	Século XIX	Século XX
DP	9/47 – 19%	12/12 – 100%
Pronominal	11/17 – 65%	17/17 – 100%
Total	20/64 – 31%	29/29 – 100%

Tabela 2: Percentuais de próclise – cruzamento entre as variáveis século e natureza de S no contexto SV

No século XIX, quando S é um pronome pessoal, como exemplificam as orações em (12)-(15), a frequência de clV é de 65% e quando S é um DP, cf. orações em (16)-(18), é de apenas 19%.

(12) Eu os verei quando voltar. [Antero Reis Dutra, 1855]

(13) Tu me julgas visionário ou... louco. [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]

(14) Elas me fazem bem. [Ademir Rosa, 1949]

(15) Eu me divorciei da minha mulher. [Antonio Cunha, 1961]

(16) O Sr. Bibiano diz-nos que, retira-se para negocio urgente, por isso não o convidamos para dar nos o prazer de ir conosco ao teatro. [Antero Reis Dutra, 1855]

(17) O senhor confunde-me. [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]

(18) O senhor me parece um homem rico. [Antonio Cunha, 1961]

Tânia Lobo (1992) em seu estudo acerca da colocação dos clíticos no PB (em confronto com o Português Antigo), com base numa amostra extraída do Projeto NURC⁸, de língua falada, afirma que *quando o verbo está precedido por um pronome pessoal* (p. 139) a próclise é categórica na gramática do PB; o que não acontece em orações em que o verbo é precedido por um sujeito DP. De certo modo, os resultados apresentados na tabela 2 mapeiam, no curso dos séculos XIX e XX, o processo dessa mudança na Gramática do PB. Ou, em outras palavras, a mudança que dá origem à gramática

⁸ Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta.

do PB parece se estabelecer primeiro em estruturas com sujeitos pronominais⁹.

Ainda em relação ao mapeamento do processo diacrônico de colocação dos clíticos na história do Português (do Brasil), retomemos, brevemente os resultados apresentados por Pagotto (1992), que levam em consideração dados extraídos de textos dos séculos XVI ao XX. Os resultados obtidos pelo autor evidenciam que, de um lado, a próclise em contextos SV com pronomes pessoais é categórica já no século XVII e, de outro lado, em contextos SV em que S é um DP a variação ênclise/próclise é ainda atestada nos textos do século XX. É importante salientar que os padrões de próclise em contextos SV evidenciados por Pagotto em textos do século XVII estão atrelados à gramática do Português Clássico, mesmo porque, como já discutido em muitos estudos realizados (a partir do estudo clássico de Tarallo, 1993), o século XIX é considerado o marco de uma gramática vernacular brasileira, o PB.

Voltando aos resultados apresentados na tabela 1, um segundo resultado revelador da gramática do PB é a (elevada) frequência de próclise em contextos com o verbo em primeira posição absoluta (V1) em textos do século XX. Enquanto em textos do século XIX não há nenhuma ocorrência de próclise nesse contexto, como ilustram as orações em (19)-(21), em textos do século XX há 57% de próclise em contextos V1, cf. (22)-(24), a seguir.

- (19) Sinto-me sufocado no meio desta gente, e permita Deus que o vento mude a ver se me vejo livre desta... [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
 (20) Acho-te triste, meu filho... [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
 (21) Explique-se, se quer que o entenda! [Horácio Nunes, 1855]
 (22) Me sinto com vinte anos. [Antonio Cunha, 1961]
 (23) Me acho perfeiramente em idade de me suicidar... [Ademir Rosa, 1949]
 (24) Vai acabar mais louco. Se olhe no espelho, faz quanto tempo que você não se enxerga? [Ademir Rosa, 1949]

Como muitos estudos vêm apontando, a gramática (vernacular) do PB parece não mais conter a restrição *Tobler-Mussafia* corrente na lingüística e

⁹ Uma hipótese que levantamos em relação à evolução da próclise em contextos SV (com sujeito pronominal ou DP) está baseada na proposta de Costa & Galves (2002). Esses autores defendem que a posição estrutural do sujeito pré-verbal é diferente nas gramáticas do PE e do PB. Costa & Galves apresentam evidências sintáticas de que, enquanto o sujeito pré-verbal em PE pode ocupar (até) três posições estruturais (Spec/AgrSP, Spec/TP e Spec/VP), no PB, por ser a posição Spec/TP ocupada obrigatoriamente por uma categoria pronominal relacionada ao sujeito (nula ou lexical) e de Spec/VP não ser uma posição disponível para a superficialização do sujeito nessa gramática, o sujeito pré-verbal se superficializa sempre em Spec/AgrSP. A hipótese que levantamos em relação à (diferente) evolução atestada nos padrões de próclises nos contextos SV com sujeitos pronominais e DP em nossa amostra é que essa diferença está correlacionada à mudança estrutural na posição disponível para a superficialização dos sujeitos pré-verbais na gramática do PB (cf. proposta de Costa & Galves, 2002). Essa é, no entanto, ainda uma hipótese de trabalho a ser desenvolvida em meu trabalho de tese.

licenciar, por sua vez, elementos clíticos em primeira posição absoluta na estrutura da oração¹⁰.

Galves, Torres Moraes & Ribeiro (2005) propõem uma análise comparativa dos padrões de colocação dos clíticos em PE e em PB. De acordo com as autoras, as diferentes ordens relativas atestadas nas gramáticas das variantes europeia e brasileira do Português derivam da interação de duas propriedades distintas.

A primeira propriedade elencada pelas autoras, de natureza sintática, prediz que em PB os clíticos não são licenciados pela categoria funcional Infl, mas pelo verbo que lhes atribui papel temático; diferentemente, em PE os clíticos são ainda licenciados por Infl, assim como na gramática do PCI. A segunda propriedade é morfo-fonológica. Para as autoras, há em PE, mas não em PB, um requerimento fonológico ativo que força o clítico a se superficializar em uma posição *Não-Inicial* em relação a uma determinada fronteira estrutural.

Na proposta de Galves, Torres Moraes & Ribeiro, centrada na hipótese de que as gramáticas do PB e do PE evoluíram independentemente (e em direções opostas) a partir da gramática do PCI, a ênclise generalizada no PE é que é uma inovação em relação à próclise do PB. O que mudou na gramática do PB, em relação à do PE e à do PCI, foi o fato de os clíticos não mais serem licenciados por Infl, mas pelo verbo temático da estrutura. Esta mudança em si, no entanto, não está relacionada à ordem relativa clítico/verbo/clítico na gramática dessa língua. Cria apenas uma nova posição para os clíticos que não existe em PE e não existia em PCI.

A ordem pré ou pós-verbal dos clíticos nessa proposta é uma questão da morfologia, relacionada à restrição *Não-Inicial*, ainda ativa em PE e não mais em PB. A perda dessa restrição explicaria a evolução da próclise (em todos os contextos) na gramática desta língua. As autoras assumem que essa restrição, assim como na gramática do PCI, está ainda ativa na gramática do PE. A hipótese é que há uma mudança no domínio da restrição *Não-Inicial* no advento da gramática do Português Europeu em relação à do Português Clássico: do primeiro XP na gramática do PCI, para o primeiro X-linha na gramática do PE.

Quando observamos as frequências de uso de próclise cruzando as variáveis *ordem/preenchimento do sujeito* e *século* confirmamos nossos resultados. Enquanto a ordem SV(O) é um contexto categórico de próclise em textos do século XX, a ordem VS(O) não favorece o uso da próclise em textos deste século. Esses resultados estão expressos na tabela 3, a seguir.

¹⁰ Os trabalhos de Abaurre & Galves (1996) e Galves (2001) com base em amostra de língua falada mostram que a ênclise no PB está restrita a um contexto bastante específico: construções com o clítico *se* indeterminador.

Cruzamento entre ordem/preenchimento do sujeito e século	Século XIX	Século XX
SV(O)	20/63 – 32%	29/29 – 100%
VS(O)	4/18 – 22%	4/9 – 44%
Sujeito Nulo	13/110 – 12%	21/34 – 62%
Total	37/191 – 19%	54/72 – 75%

Tabela 3: Percentuais de próclise – cruzamento entre as variáveis *século e ordem/preenchimento do sujeito*

A frequência de próclise em textos escritos por brasileiros, nascidos, sobretudo, no século XX, parece estar correlacionada ao enrijecimento da ordem SV(O) na gramática do PB. A despeito do número reduzido de dados, especificamente com ordem VS no século XX, confirmam-se resultados de estudos anteriores, cf. Cyrino (1993), entre outros, que evidenciam que em PB contextos SV estão correlacionados à ocorrência da próclise no século XX.

No que se refere aos contextos AdvV, estudos como os de Martins (1994), Torres Morais (1995), GBPS (2005), entre outros, registraram já que na história do Português a próclise é categórica em estruturas cujos verbos são precedidos por determinados tipos de advérbios. Seguindo os padrões descritos nestes estudos, nos textos escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX em Santa Catarina, a próclise é categórica com os advérbios, em posição pré-verbal, *bem*, cf. (25); *já/jamais/agora/depois/sempré/ainda*, cf. orações em (26)-(31) e *só/apenas/muito*, cf. orações em (32)-(34).

- (25) Bem me dizia a velha: [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (26) Já me contaram que é porque muita gente desse partido vive nos ares mesmo. [Ademir Rosa, 1949]
- (27) Arrumada, sim. Pronta, nunca. Jamais se entra em cena totalmente segura. [Antonio Cunha, 1961]
- (28) Agora me pergunto: pra que isso? [Ademir Rosa, 1949]
- (29) Depois lhe cantar uma ária de Rossini: [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (30) Sempre nos penhoram as atenções dispensadas a amigos nossos, ainda mesmo por estranhos, quanto mais pelo Sr. Ludovino. [Antero Reis Dutra, 1855]
- (31) Ainda me parece preta!... [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (32) Só nos faltou gozarmos da sociedade de V.Ex.ª; [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (33) Apenas o vi mexer nos papéis, entrei, e disse-lhe que se retirasse; respondeu-me que procurava umas tábuas que estavam com Vossa Mercê, e que lhe faziam falta porque ia de viagem; mas não as achou... [Álvaro Augusto de Carvalho, 1829]
- (34) Muito nos interessa a circunstância. [Antonio Cunha, 1961]

Quando o verbo é precedido (i) pelos advérbios *hoje/amanhã*, a ênclise é categórica¹¹, cf. (35) e (ii) pelos advérbios *cá/aqui/ali/lá* há nos textos alternância ênclise/próclise, cf. ilustram as orações em (36) e (37).

- (35) Amanhã agarro-me às saias da tia Úrsula pra ficar em terra enquanto o nosso capitão não dormir a bordo. [*Álvaro Augusto de Carvalho, 1829*]
 (36) Lá se foram todas as minhas theorias. [*Antero Reis Dutra, 1855*]
 (37) Jantei com o Henrique na república da rua da Misericórdia e lá demorei-me um pouco em palestra com elle e outros collegas. [*Antero Reis Dutra, 1855*]¹²

Sumarizando, observou-se na análise que a ocorrência de próclise em textos escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX está correlacionada ao *século/ano de nascimento dos autores* e ao *material antes de V (VI; XV)*. Em contextos XV, em que X é um sujeito lexical a próclise é variável – com uma frequência baixa – em textos do século XIX (32%) e categórica em textos do século XX (100%); de modo que o padrão de colocação atestado em textos escritos por brasileiros no século XX, no contexto SV em específico, se opõe ao padrão de colocação dos clíticos na gramática do PE, por um lado, e se aproxima do padrão atestado na gramática do PCI, por outro. Em contextos VI, enquanto em textos do século XIX não há nenhuma ocorrência de próclise, em textos do século XX há 57% de próclise em contextos com o verbo em primeira posição absoluta. Essa (elevada) frequência de próclise em contextos VI em textos do século XX, em específico, é bastante reveladora da gramática do PB. Ainda em relação ao contexto SV, observou-se na análise que a próclise é sensível à *natureza de S no contexto SV* no curso dos séculos: em textos do século XIX, quando S é um pronome pessoal a frequência de clV é, já, de 65% e quando S é um DP é de apenas 19%.

2.2. Ordens SV/VS(O)

Retomamos, brevemente, nesta seção, resultados estatísticos do estudo apresentado em Coelho, Monguilhott & Martins (no prelo), retomado de Coelho (2006), acerca do processo de variação na ordem sujeito-verbo-complemento (SV(O)) em 1466 orações declarativas com sujeito expresso extraídas de seis peças de teatro escritas por brasileiros (nascidos em Santa

¹¹ Há ainda na amostra três orações com advérbios pré-verbais em que encontramos ênclise:

(a) **Nunca tive-lhe** afeição alguma. [*Álvaro Augusto de Carvalho, 1829*]

(b) E **assim compromete-se** um pobre contra-regra, que está cumprindo o seu dever! [*Nun-9,81*]

(c) Desculpa minha filha; **involuntariamente excedi-me**. [*Álvaro Augusto de Carvalho, 1829*]

Destes, (a) e (b), com os advérbios *nunca* e *assim (de modo)*, são ambientes de próclise atestados na história do Português.

¹² O padrão de colocação dos clíticos em orações nestes contextos, cf. exemplos em (36) e (37), parece estar relacionado à (diferente) natureza do advérbio *lá* em questão.

Catarina) entre os séculos XIX e XX¹³. Do total dos dados, 1315 são ocorrências de SV(O) (90%) e 151 são ocorrências de VS(O) (10%).

Os autores partem da hipótese de que as ordens SV/VS são licenciadas por diferentes gramáticas do Português no curso dos séculos: enquanto há possibilidade de anteposição/posposição do sujeito no século XIX, como exemplificam as possibilidades em (38) e (39), a ordem SV é bastante enrijecida no século XX, de modo que apenas (39), a seguir, seria uma estrutura bem formada¹⁴. Essa diferença estaria correlacionada a aspectos lexicais e sintáticos (como *tipo de verbo*, *posição do Verbo na estrutura* e *concordância de número entre sujeito-verbo*) na(s) gramática(s) do Português nos diferentes séculos.

(38) Julga o tal Sr. Mendes que... que por não ser eu estudante... [Horácio Nunes, 1855]

(39) O tal Sr. Mendes julga que... que por não ser eu estudante...

As variáveis selecionadas pelo pacote estatístico VARBRUL (cf. Pintzuk, 1988) na análise variacionista de Coelho *et al.* foram, por ordem de significância, *tipo de verbo*, *natureza de X no contexto XV, século* (XIX e XX) e *animacidade do SN*. Considerando que os resultados associados à variável *animacidade do SN* fogem ao escopo deste artigo, apresentamos, a seguir, aqueles relativos às variáveis *tipo de verbo* e *natureza de X no contexto XV*¹⁵, correlacionados à variável *século*.

Os resultados obtidos no estudo de Coelho *et al.* evidenciam uma queda na frequência de VS(O), aparentemente atrelada ao enrijecimento SV(O) em textos do século XX (seguindo as tendências gerais do PB atual). Segundo os autores, essa queda na frequência de VS atestada nas peças de teatro escritas por brasileiros está diretamente correlacionada à variável *tipo de verbo*. Os resultados estatísticos obtidos pelos autores em relação ao cruzamento desta variável à variável *século* estão apresentados na tabela 4, a seguir, e ilustram essa correlação.

De um modo geral, nos resultados apresentados na tabela 4, há uma queda na frequência de ocorrência de VS(O) do século XIX para o século XX em todos os contextos (i.e., com diferentes tipos de verbos). A posposição do sujeito parece, no entanto, ser ainda possível em textos do século XX apenas em contextos em que a natureza do verbo seja predominantemente inacusativa (27% de ocorrência de VS em contextos com verbos inacusativos e 9% em contextos com verbos de ligação).

¹³ É importante observar que as amostras analisadas para a observação dos diferentes fenômenos sintáticos, de colocação dos clíticos (cujos resultados foram apresentados na seção 2.1) e das ordens SV/VS, foram extraídas de um mesmo *corpus* diacrônico, cf. nota 4.

¹⁴ Ver demais trabalhos de Coelho (2000 e 2006), assim como os textos lá citados, para mais informações acerca do processo de variação das ordens SV(O) e VS(O), e demais possibilidades, no Português do Brasil.

¹⁵ No estudo de Coelho *et al.* (no prelo) essa variável é denominada *material antes de V* (V2).

Cruzamento entre século e tipo de verbo	Século XIX		Século XX	
Verbo inacusativo	39/104	38%	42/154	27%
Verbo de ligação	15/138	11%	17/187	09%
Verbo intransitivo	03/32	09%	00/32	00%
Verbo transitivo direto	14/218	06%	06/388	02%
Verbo transitivo indireto	03/28	11%	01/74	01%
Verbo bi-transitivo	10/54	19%	01/57	02%
Total	84/574	15%	67/892	08%

Tabela 4: Percentuais de VS(O), segundo a correlação entre *século e tipo de verbo* (Coelho et. al, no prelo)

Observemos na tabela 5, a seguir, os percentuais obtidos pelos autores que mostram a correlação entre *século e a natureza de X no contexto XV*.

Cruzamento entre século e natureza de X no contexto XV	Século XIX		Século XX		
Construção V1	26/46	57%	20/46	43%	
Construção XV	com SV	160/472	34%	312/472	66%
	com XV(S)	35/71	49%	36/71	51%
Total de ocorrências de XV	194/543	36%	349/543	64%	

Tabela 5: Percentuais de SV/VS(O) – cruzamento entre as variáveis *século e natureza de X no contexto XV* (Coelho et. al, no prelo)

Os resultados apresentados na tabela 5 mostram, de um lado, uma queda na frequência de construções V1 entre os diferentes períodos, de 57% no século XIX para 43% no século XX; de outro lado, evidentemente, para um aumento nas construções XV, marcadamente em contextos SV, de 34% no século XIX para 66% no século XX.

Em suma, os resultados obtidos por Coelho *et al.* (no prelo) em relação à alternância SV/VS, seguindo os resultados de Coelho (2006), evidenciam que, enquanto a ordem do sujeito atestada em textos do século XIX é variável, uma restrição de natureza lexical na gramática do PB, refletida nos textos do século XX, estaria impedindo a variação. Dentre as conclusões dos autores está a de que o Português do século XIX admite construções com verbo em primeira posição (V1) e construções XV sem restrição; enquanto que o PB do século XX prefere construções XV, sendo X um sujeito lexical, de modo que construções com verbos (in)transitivos apresentam uma ordem SV(O) fixa e apenas construções inacusativas, devido a especificidades sintático-semânticas, apresentam variação entre as ordens SV e VS.

3. Discussão: sintaxe e padrões de variação

Estudos como os de Torres Moraes (1993), Paixão de Sousa (2004), Galves & Paixão de Sousa (2005), Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) evidenciaram já que a posição dos clíticos está correlacionada à ordem do sujeito e à posição do verbo nas gramáticas do Português. Na mesma direção destes estudos, correlacionamos, nesta seção, a evolução nas frequências de uso de orações com ênclise/próclise e orações com SV/VS em textos escritos por brasileiros ao longo dos séculos XIX e XX, com o intuito de discutir o encaixamento lingüístico destes fenômenos na(s) gramática(s) do Português.

Retomemos brevemente os resultados descritos nas seções 2.1 e 2.2. No que se refere à colocação dos pronomes clíticos, observou-se na análise que a ocorrência de próclise em textos escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX está correlacionada ao *século/ano de nascimento dos autores* e ao *material antes de V (VI; XV)*. Em contextos XV, em que X é um sujeito lexical, a próclise é variável – com uma frequência baixa – em textos do século XIX (32%) e categórica em textos do século XX (100%). Em contextos VI, enquanto em textos do século XIX não há nenhuma ocorrência de próclise, em textos do século XX há 57% de próclise em contextos com o verbo em primeira posição absoluta. Ainda em relação ao contexto SV, observou-se na análise que a próclise é sensível à *natureza de S no contexto SV* no curso dos séculos: em textos do século XIX, quando S é um pronome pessoal a frequência de cIV é, já, de 65% e quando S é um DP é de apenas 19%.

Considerando os resultados do cruzamento das variáveis *século* e *natureza de X no contexto XV* obtidos por Coelho *et al.* (no prelo), retomados na tabela 5, do século XIX para o XX, há um aumento de 34% para 66% na frequência de uso de construções SV. Como já dito, estes resultados parecem evidenciar que os textos do século XX apresentam uma ordem SV(O) mais enrijecida.

Constatamos com estes resultados diacrônicos que há uma evolução nos padrões de colocação (pós ou pré-verbal) dos pronomes clíticos (em contextos SV e VI), por um lado, e de ordem do sujeito em relação ao verbo, por outro, em peças de teatro escritas por brasileiros entre os séculos XIX e XX. Assumindo que uma gramática não deverá gerar estruturas em variação, mas sim que a variação seria o reflexo de diferentes estruturas geradas, por sua vez, por diferentes gramáticas, a evolução destes fenômenos pode ser entendida como um período em que há competição entre diferentes padrões gerados, por sua vez, por diferentes gramáticas no curso dos séculos.

A proporção na evolução da frequência de uso da próclise e da ordem SV nas seis peças de teatro escritas por brasileiros parece seguir numa mesma direção do século XIX para o século XX. Essa evolução parece ser evidência de que estes fenômenos estão correlacionados a um processo de mudança (mais geral e abstrato) que deu origem à gramática do PB, como mostrado em Tarallo (1993).

A evolução na frequência de uso atestada nos diferentes fenômenos ao longo dos séculos XIX e XX pode ser visualizada no gráfico 1, a seguir.

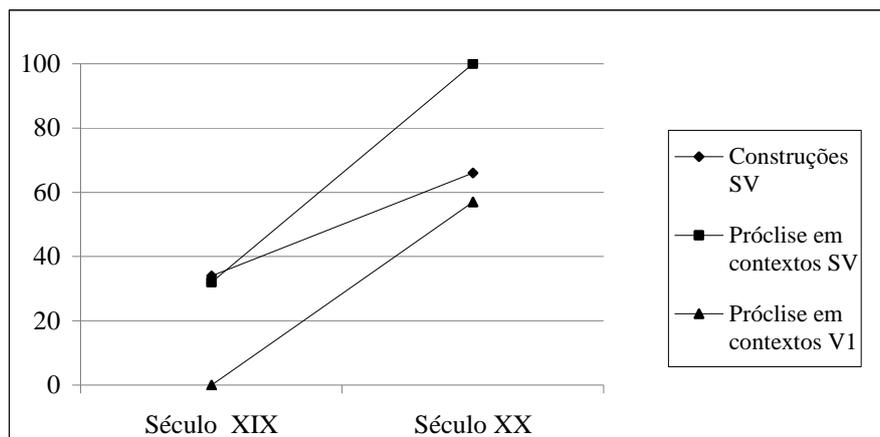


Gráfico 1: Frequência de próclise e de SV em peças de teatro escritas por brasileiros nos séculos XIX e XX

Observa-se, no gráfico 1, que há um aumento na frequência de construções com próclise (em contextos SV e em contextos V1) e de construções XV, sendo X um Sujeito, do século XIX para o século XX em textos escritos por brasileiros. Enquanto, de um lado, em textos do século XIX há menor possibilidade de SV(O) (34%), de próclise em contextos SV (32%) e ausência de próclise em contextos V1, em textos do século XX, de outro lado, se encontra uma ordem SV(O) mais enrijecida (66%), próclise categórica em orações com sujeitos pré-verbais (100%) e uma elevada frequência de próclise em orações com o verbo em primeira posição absoluta (57%).

Numa perspectiva diacrônica, esses resultados estatísticos parecem refletir padrões gerados por diferentes gramáticas do Português. Quando consideramos a correlação entre a evolução na frequência de uso de orações com próclise/orações com SV e variáveis lingüísticas, ao longo dos séculos – tais como *material antes de V* (V1; XV), *ordem/preenchimento do sujeito e natureza de S no contexto SV*, observamos que orações com (prevalência para) ênclise e alternância SV/VS e orações com (prevalência para) próclise e ordem SV parecem refletir estruturas geradas por diferentes gramáticas em textos escritos entre os séculos XIX e XX.

Em outras palavras, assumimos que a variação encontrada em textos escritos nos diferentes séculos reflete (i) propriedades de uma gramática em que a ênclise em contextos SV e V1 é o padrão e que admite variação entre as ordens SV/VS, características do PE e (ii) propriedades de uma gramática em que a próclise em contextos SV e V1 é o padrão, com preferência por SV, características do PB. Interpretamos a variação refletida nos textos escritos ao longo dos séculos XIX e XX como um caso de gramáticas em competição, no sentido de Kroch (1989, 2001).

4. Conclusão

Sistematizamos, a seguir, os resultados gerais correlacionados às questões específicas listadas na introdução do artigo.

(1) No que se refere à distribuição das freqüências de orações com ênclises/próclises em textos escritos por brasileiros nascidos nos séculos XIX e XX, observou-se que (i) em contextos XV, em que X é um sujeito lexical, a próclise é variável em textos do século XIX (32%) e categórica em textos do século XX (100%); (ii) em contextos VI, enquanto em textos do século XIX não há nenhuma ocorrência de próclise, em textos do século XX há 57% de próclise em contextos com o verbo em primeira posição absoluta. Ainda em relação ao contexto SV, observou-se na análise que a próclise é sensível à *natureza de S no contexto SV* no curso dos séculos: em textos do século XIX, quando S é um pronome pessoal a freqüência de clV é, já, de 65% e quando S é um DP é de apenas 19%. Em relação à distribuição das freqüências de orações com sujeitos pré-verbais, os resultados mostram a evolução da ordem SV(O) de 34% em textos do século XIX para 66% em textos do século XX. Como já dito, estes resultados parecem evidenciar que os textos do século XX apresentam também uma ordem SV(O) mais enrijecida.

(2) Como evidenciam as correlações em (1), a evolução na freqüência de uso de orações com próclise em textos escritos nos séculos XIX e XX parece estar correlacionada a variáveis lingüísticas, tais como *material antes de V*, *ordem/preenchimento do sujeito* e *natureza de S no contexto SV*, assim como ao *século/ano de nascimento dos autores*. Um resultado interessante revelador da gramática do PB atestado na análise é a elevada freqüência de próclise (57%) em contextos com o verbo em primeira posição em textos escritos no século XX.

Da mesma maneira, a evolução na freqüência de uso de orações com SV em textos escritos nos séculos XIX e XX parece estar correlacionada às mesmas variáveis: *material antes de V* e *século/ano de nascimento dos autores*. Os resultados obtidos por Coelho *et al.* (no prelo) evidenciam um aumento na freqüência de uso das construções XV, marcadamente nos contextos com sujeitos pré-verbais, de 34% em textos do século XIX para 66% em textos do século XX. Além do que, os resultados obtidos pelos autores mostram também que em textos do século XX há uma ordem SV(O) bastante fixa, de modo que apenas construções inacusativas – devido a especificidades sintático-semânticas – apresentam variação entre as ordens SV/VS.

Quando consideramos a correlação entre a evolução na freqüência de uso das variantes dos diferentes fenômenos e as variáveis independentes *material antes de V* (VI; XV), *ordem/preenchimento do sujeito* e *século*, ao longo dos séculos, observamos que orações com (prevalência para) ênclise e alternância SV/VS e orações com (prevalência para) próclise e ordem SV

parecem refletir estruturas geradas por diferentes gramáticas em textos escritos por brasileiros nascidos entre os séculos XIX e XX.

(3) Para além da correlação entre o uso das variantes dos diferentes fenômenos e as variáveis independentes analisadas, há uma evolução na proporção da frequência de uso de construções com próclise (em contextos XV e VI) e construções SV em textos do século XX, conforme resultados apresentados no gráfico 1. Essa evolução parece evidenciar que a mudança envolvendo a colocação dos pronomes clíticos e a ordem linear do sujeito está encaixada num processo de mudança mais geral e abstrato na(s) gramática(s) do Português ao longo dos séculos.

Sabe-se que no percurso de uma mudança sintática, as formas antigas não desaparecem imediatamente de uma língua, mas são substituídas pelas formas novas gradualmente. Na evolução aqui delineada das frequências de uso dos diferentes fenômenos sintáticos, gramática(s) do Português parece(m) conviver, portanto, em textos escritos ao longo dos séculos XIX e XX.

Referências

- Abaurre, M^a Bernadete & Charlotte Galves 1996. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In *Gramática do português falado, vol. IV – estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 267-312.
- Barbosa, Pilar P. 2000. Clitics: a Window into the Null Subject Property. In João Costa (org.) *Portuguese Syntax*. New York: Oxford Press.
- Coelho, Izete Lehmkuhl 2006. Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In Jania Ramos (org.) *Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp. 83-104.
- Coelho, Izete Lehmkuhl 2000. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Coelho, Izete Lehmkuhl, Isabel Monguilhott & Marco Antonio Martins (no prelo) Estudo diacrônico da inversão sujeito-verbo no PB: fenômenos correlacionados. In Cláudia Roncarati & Juçara Abraçado (orgs.) *Português Brasileiro II*.
- Costa, João & Charlotte Galves 2002. Peripheral subjects in two varieties of Portuguese: evidence for a non-unified analysis. In C. Beyssade et al. (eds.) *Romance languages and linguistic theory 2000*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Cyrino, Sonia 1993. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In Ian Roberts & Mary Kato (orgs.) *Português Brasileiro – uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Galves, Charlotte 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Galves, Charlotte, Helena Britto & Maria Clara Paixão de Sousa 2005. The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, Vol. 4, n.1,

Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond, pp. 39-67.

- Galves, Charlotte & Maria Clara Paixão de Sousa 2005. Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese. In T. Geerts, I. Van Ginneken & H. Jacobs (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory: selected papers from 'Going Romance' 2003*. John Benjamins, pp. 93-107.
- Galves, Charlotte, Maria Aparecida Torres Morais & Ilza Ribeiro 2005. Syntax and Morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4, nº2, *Studies in the comparative syntax of European and Brazilian Portuguese*, pp. 143-177.
- Kroch, Anthony 1989. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change* 1, pp. 199-244.
- Kroch, Anthony 2001. Syntactic Change. In Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts, USA: BlackWell, pp. 699-729.
- Labov, William 1982. Building on empirical foundations. In Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 17-92.
- Labov, William 1994. *Principles of linguistic Change: internal Factors*. Oxford: Blackwell.
- Lobo, Tânia 1992. *A colocação dos clíticos em Português. Duas sincronias em Confronto*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Martins, Ana Maria 1994. *Clíticos na história do português*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Pagotto, Emilio Gozze 1992. *A posição dos Clíticos em Português. Um estudo Diacrônico*. Dissertação de mestrado, Universidade de Campinas.
- Paixão de Sousa, Maria Clara 2004. *Língua Barroco: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de doutoramento, Campinas: IEL/UNICAMP.
- Pintzuk, Susan 1988. *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- Tarallo, Fernando 1993. Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o português d'aquém e d'além-mar no final do século XIX. In Ian Roberts & Mary A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 69-105.
- Torres Morais, Maria Aparecida 1993. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In Ian Roberts & Mary A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, pp. 263-306.
- Weinreich, Uriel, William Labov & Marvin Herzog 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, pp. 95-188.